

**CAPÍTULO 2 – ANDAMENTO DO PROJETO BÁSICO AMBIENTAL DO
COMPONENTE INDÍGENA**

**ANEXO 8.1-5 – RELATÓRIO DO INTERCÂMBIO DE
REFERÊNCIA EM GESTÃO TERRITORIAL DOS POVOS
PARAKANÃ, XIKRIN E ASSURINI JUNTO AO POVO
INDÍGENA WAJÃPI**

1. INTRODUÇÃO

Com o objetivo de garantir a troca de experiências e o acesso a novos referenciais junto a povos com experiências reconhecidas na proposição de alternativas frente a pressões das fronteiras econômicas nacionais, estão sendo realizados, no âmbito do PBA-CI, intercâmbios de referência em gestão territorial entre os povos indígenas da região de influência da UHE de Belo Monte com povos indígenas de outras regiões e com isso “facilitar a análise de modelos eficientes de gestão territorial indígena, fornecer parâmetros para o enfrentamento dos novos desafios e subsidiar a reformulação das estratégias de gestão territorial indígena” (PBA-CI da UHE de Belo, volume 1, pg 163).

Nesse contexto, entre os dias 15 e 18 de março de 2015 foi realizado o intercâmbio específico de referência em gestão territorial dos povos Parakanã, Xikrin e Asurini junto ao povo indígena Wajãpi da Terra Indígena Wajãpi, no estado do Amapá. A atividade contou com a colaboração da Coordenação Regional Centro-Leste do Pará – Funai/Altamira, a organização não governamental *The Nature Conservancy - TNC*, que desenvolve atividades de gestão territorial junto ao povo Xikrin da TI Trincheira Bacajá, e da organização não governamental Instituto IEPE que desenvolve projetos de gestão territorial com o povo indígena Wajãpi.

A atividade exigiu contatos iniciais com o Instituto IEPE – Instituto de Pesquisa e Formação Indígena visando a consulta sobre o interesse do povo Wajãpi em receber os Parakanã, Xikrin e Asurini. A resposta dos Wajãpi foi positiva, como observado no seguinte trecho do e-mail escrito pelo indígena Roseno Wajãpi, no dia 4 de maio de 2014 (o e-mail integral encontra-se no anexo 01 deste relatório):

Prezados

Eu sou Roseno Wajãpi, sou representante Wajãpi, então em nome do Conselho das Aldeias Wajãpi Apina eu escrevo essa mensagem. Recebemos a informação sobre intercambio dos nossos parentes Asurini e Parakanã, que vai ser intercambio com os Wajãpi. Esse intercambio vai ser importante, para os parentes conhecer como fazemos o plano de gestão da nossa Terra. Então a nossa proposta de acontecer esse intercambio é mês de fevereiro de 2015.

Após o contato, iniciou-se o processo de consulta junto aos povos da região para reafirmarem seu interesse na atividade. Dessa maneira, foram selecionados pelas próprias comunidades um participante de cada aldeia conforme o **Quadro 1** a seguir:

Quadro 1. Lista dos participantes do Intercâmbio

Nome	Aldeia
Tepore Xikrin	Krãnh
Bekre Xikrin	Kenkudjoy
Pokre Xikrin	Kamoktikô
Kwynhdjy Xikrin Kayapó	Pytakô
Bebere Bemorai Xikrin	Patikrô
Bepnat Xikrin	Bacajá
Bepky-i Xikrin	Rapkô
Mokrã Xikrin	Mrotidjãm
Xokarowara Parakanã	Paranopiona
TyE Parakana Parakanã	Apyterewa
Temikvareima Parakanã	Xahytata
Xapokatoa Parakanã	Xingu
Awanene Parakanã	Raio de Sol
Muragawa Assurini	Koatinemu
Mui Assurini	Koatinemu

Além dos indígenas, acompanharam também na qualidade de assessores e facilitadores as servidoras da Funai Centro Leste do Pará, Alline Mayumi, Nathali G. Santos; Roselis Mazurek, consultora do GATI; Helcio Souza, da TNC e Olavo Toledo e Igor Ferreira da executora do PGTI.

Dessa maneira, no dia 16 de março de 2015 os representantes indígenas se deslocaram de suas aldeias para a cidade de Altamira. No dia 17 houve uma reunião de planejamento e definição dos acordos de convivência durante o intercâmbio **(Figuras 1 a 4)**.



Figura 1. Reunião de planejamento e definição de acordo de convivência.



Figura 2. Reunião de planejamento e definição de acordo de convivência



Figura 3. Reunião de planejamento e definição de acordo de convivência.



Figura 4. Reunião de planejamento e definição de acordo de convivência.

Foram definidos pelos indígenas os seguintes objetivos e acordos:

OBJETIVOS DO INTERCÂMBIO (O QUE ESPERAMOS COM ESSA VIAGEM, POR QUE ELA É IMPORTANTE?):

1. *É importante esse intercâmbio, pois vamos lá ver as experiências do povo Wajãpi e contarmos nossa história e nossos problemas. Não vamos só ouvir, vamos também contar, dançar com eles;*
2. *Estamos representando nossas aldeias;*
3. *Eles passaram por situações parecidas com as quais estamos passando;*
4. *Não vamos somente passear, vamos conhecer como eles conseguiram tirar os invasores da terra deles e ver se nós podemos também correr atrás para resolver nossos problemas;*
5. *Vamos aprender com os Wajãpi;*
6. *Conhecer o povo e levar para eles um pouco da nossa cultura.*

REGRAS DE CONVIVÊNCIA

1. *Respeitar nossos parentes;*
2. *A viagem tem que ser boa;*
3. *Não queremos ter problemas;*
4. *Não é permitida a bebida alcoólica do branco na aldeia;*
5. *Não vamos beber na cidade;*
6. *Não vamos para a viagem para “farrear”;*
7. *Respeitar o valor que teremos para a alimentação na cidade;*
8. *Respeitar os horários combinados.*

No dia 18/03 iniciou-se o intercâmbio com o deslocamento para a cidade de Macapá. O **Quadro 2** apresenta o cronograma detalhado e a sessão 2 apresenta a descrição detalhada da atividade.

Quadro 2 – Cronograma de atividades do intercâmbio Parakanã, Xikrin e Asurini com o povo Wajãpi

Data	Local	Descrição da atividade
16/03/2015	***	Deslocamento dos indígenas das aldeias para Altamira
18/03/2015	***	Deslocamento Altamira, PA – Macapá, AP
19/03/2015	***	Deslocamento Macapá, AP – Aldeia Aramirã – TI Wajãpi
19/03/2015	Aldeia Aramirã	Recepção pelos Wajãpi e festa tradicional Wajãpi
20/03/2015	Aldeia Aramirã	Seminário de Apresentação do Plano de Gestão do Povo Indígena Wajãpi e apresentações dos povos Parakanã, Xikrin e Asurini
21/03/2015	***	Deslocamento Aldeia Aramirã – Aldeia Mariry
21/03/2015	Aldeia Mariry	Recepção e festa tradicional Wajãpi
22/11/2013	Aldeia Kasiripina	Recepção e festa tradicional Wajãpi
23/11/2013	Aldeia Mariry	Reunião para discussão das experiências de gestão territorial desenvolvidas pelos Wajãpi
24/11/2013	***	Deslocamento Aldeia Mariry – Macapá, AP
25/11/2013	***	Deslocamento Macapá, AP – Altamira, PA

2. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A seguir apresentam-se os detalhes da atividade.

Dia 19/03

No dia 19/03 o grupo se deslocou da cidade de Macapá às 5:00 para aldeia Aramirã, chegando lá por volta das 13:30. Logo em seguida os Wajãpi receberam o grupo e ofereceram um almoço de recepção. (Figuras 5 e 6). Durante a recepção alguns

indígenas Wajãpi se apresentaram, deram as boas vindas e apresentaram a programação que havia sido preparada para o intercâmbio.



Figura 5. Recepção na aldeia Aramirã



Figura 6. Recepção na aldeia Aramirã

Após a recepção os Wajãpi pintaram e vestiram os convidados com adornos tradicionais para que estes pudessem participar da festa que havia sido preparada para recepção-los. Logo em seguida o grupo se deslocou para o local da festa. A festa da onça, denominada por eles de Jaratana, trata-se de um ritual que tem a figura da onça como elemento central. A festa inicia-se de manhã e vai até à noite. Durante o ritual os indígenas tocaram a flauta tradicional, cantaram e dançaram durante horas, sempre acompanhados pelo *casiri*, bebida tradicional elaborada a partir da mandioca **(Figuras 7 a 14)**.



Figura 7. Pintura corporal



Figura 7. Vestimenta tradicional



Figura 9. Caminho para o ritual



Figura 10. Caminho para o ritual



Figura 11. Ritual



Figura 12. Ritual



Figura 13. Ritual



Figura 14. Ritual

Dia 20/03/15

A manhã do dia 20/03 iniciou com apresentações dos povos indígenas Xikrin, Parakanã e Asurini. Foram mostradas as iniciativas de etnomapeamentos realizadas na TI Trincheira Bacajá. O povo Parakanã compartilhou os problemas que estão passando com a ocupação de não índios de sua terra e mostraram imagens das aldeias, suas roças e suas casas. O Asurini mostraram exemplos de pinturas corporais, mapas e cerâmicas (**Figura 15**).



Figura 15. Apresentação do etnomapa do povo Xikrin do Bacajá.

No período da tarde passou-se à apresentação do plano de gestão do povo Wajãpi. Os Palestrantes foram Viseni Wajãpi (professor), Jatuta Wajãpi (pesquisador) e Makaratu Wajãpi). A seguir seguem as falas dos palestrantes:

O plano de gestão do povo Wajãpi reúne acordos sobre como vamos continuar trabalhando para fortalecer nossa organização social, conhecimentos e práticas, para enfrentarmos os desafios de hoje. Fizemos esse plano, pois lutamos muito para nossa terra ser demarcada, mas depois percebemos que ainda temos muitos desafios.

Os Wajãpi compartilharam o mapa de sua terra e o contexto territorial em que está inserida.

Temos medo de que os deputados queiram continuar a estrada perimetral norte que passa no meio da TI Wajãpi. Na porção leste da TI existe uma área de maior vulnerabilidade onde está o assentamento da perimetral norte. Nós temos um projeto de conscientização com os assentamentos vizinhos para que não haja conflitos com o povo indígena, para que eles entendam a importância de conservar a floresta, a caça. Nem sempre os moradores vizinhos respeitam a proposta de faixa de amizade proposta pelo povo Wajãpi. Essa faixa foi proposta em 2012 com base no SNUC que prevê uma zona de manejo com acesso restrito na floresta estadual. Foi feito o manejo participativo para criação da “zona primitiva”. No entanto, esta zona não foi implementada ainda embora o zoneamento da FLOTA preveja a criação dessa zona.

Falaram também dos outros limites com o parque nacional, da Resex Beija Flor Brilho de Fogo e RDS do Iratapuru

Os Wajãpi moram em aldeias pequenas que se mudam conforme as roças. São 05 grupos com sotaques diferentes que se espalham em 89 aldeias. Para enfrentar os desafios de viver numa TI demarcada com tantos grupos foi criado o Conselho das Aldeias Wajãpi APINA. Nele se reúnem todos os chefes para decidir por consenso as resoluções do povo. “Não existe um chefe geral”. Cada grupo tem uma liderança. Criaram a APINA para pensarem como vão viver na terra de modo a garantir seus meios de vida.

Antes a terra era grande e não tinham tantas ameaças e mudanças. Muitas políticas e decisões econômicas não respeitam nosso modo de vida. Sofremos pressões para nos sedentarizarmos. Estamos preocupados em fortalecer a cultura Wajãpi. Percebemos que estamos desvalorizando nossos conhecimentos, pois a cultura do branco é muito forte. Estamos nos preparando para nos fortalecer e passar nossos conhecimentos orais e escritos para nossas crianças. Conhecimento material e imaterial. Pensamos também em jeitos de usar nossos recursos. Antigamente não tínhamos limites, mas hoje vivemos numa cerca. Precisamos planejar para usar e deixar para o futuro.

Por isso fizemos o plano de gestão. Para esse plano trabalhamos 5 anos com apoio de muitos projetos, mas principalmente do PDPI, para diagnosticar os problemas socioambientais, refletir sobre suas causas e debatê-las. Também para debater e sistematizar nossos acordos sobre como vamos nos organizar para continuar nos fortalecendo e vivendo bem na nossa terra.

Os Wajãpi primeiramente sistematizaram os diagnósticos feitos nos últimos anos e depois fizeram muitas reuniões com as famílias para conversar sobre os problemas e suas causas.

Um dos acordos foi a criação de um fundo de vigilância para viabilizar nossa vigilância. O governo não vai disponibilizar esse recurso. Cada assalariado contribui com um pouco de dinheiro para o fundo. Ele já começou a funcionar em alguns lugares. Outro exemplo de acordo é o de fortalecer o jeito próprio de ocupar a terra. Criamos reservatórios de caça que é um dos jeitos de valorizar a ocupação territorial.

O plano também serve para os órgãos de governo que trabalham com os Wajãpi para que entendam como respeitar o que querem, para aplicar as políticas públicas de acordo com seus costumes. O governo tem que dialogar com as comunidades por meio do Conselho APINA. O governo, por não conhecer seus modos de vida, acaba fazendo projetos que atrapalham sua vida. Por isso fizeram um protocolo de consulta ao povo indígena Wajãpi

Segundo a Lucia, alguns acordos foram mais fáceis de serem feitos outros ainda não se conseguiu chegar a um consenso. Por exemplo, um acordo fácil foi a definição de um reservatório de caça. Foi conversado com os moradores a importância de se fazer o manejo e regras de uso. Levantou-se os tipos de ambiente onde não se mora e conseqüentemente percebeu-se que era um acordo fácil de se fazer, pois naturalmente esses lugares são menos utilizados pois culturalmente são locais onde se respeitam os “donos da floresta”. Ver algum exemplo de acordo difícil.

Os Wajãpi contaram um pouco sobre o formar PNGATI e sobre as discussões políticas nacionais em torno dos direitos indígenas. Segundo eles a PNGATI é importante pois procura ajudar na valorização da cultura dos povos e proteger os recursos naturais. Contaram também que participaram das mobilizações indígenas nacionais que ocorreram em Brasília.

Dia 21/03/2015

No dia 21/03 o grupo formado pelos Parakanã e Asurini se deslocou para a aldeia Mariry. O deslocamento ocorreu em voadeira cedida pela comunidade e durou cerca de 5 horas. Ao longo do trajeto o grupo pôde conhecer outras aldeias no caminho (Figuras 16 e 17).



Figura 16: Deslocamento para aldeia Mariry. 21/03/2015



Figura 17: Deslocamento para aldeia Mariry. 21/03/2015

Na chegada à aldeia, havia um grande grupo em festa para receber os visitantes, entre eles estavam lideranças importantes como Waiwai e Kasiripina.

Dia 22/03/2015

No dia 22/03 o grupo se deslocou à aldeia da liderança Kasiripiná que havia preparado uma grande recepção para os convidados. Uma vez mais os Parakanã e Asurini vestiram as tradicionais tangas Wajãpi e se pintaram para participarem da cerimônia que durou o dia inteiro (**Fotos 18 a 27**).



Figura 18: Preparativos para a cerimônia



Figura 19: Recepção na aldeia



Figura 20: Cerimônia



Figura 21: Cerimônia



Figura 22: Cerimônia



Figura 23: Cerimônia



Figura 24: Cerimônia



Figura 25: Cerimônia



Figura 26: Despedida da aldeia



Figura 27: Despedida da aldeia

Dia 23/03/2015

No dia 23/03 realizou-se outra rodada de debates e apresentações sobre as experiências de gestão territorial em curso na TI Wajãpi.

De acordo com os Wajãpi a associação APINA trabalha com 05 grandes grupos temáticos: saúde, cultura, fortalecimento político, educação e terra e ambiente.

O conselho pensa no presente e no futuro do povo Wajãpi. Antes não havia organização. Mas hoje temos que ter organizações para fortalecer nossas reivindicações e receber recursos de projetos. São 5 subgrupos Wajãpi com sotaques diferentes. A linha terra e ambiente trabalha com vigilância, planos de gestão e planos de ação, ocupação dos limites, etc. Na parte da cultura, tratamos do fortalecimento e valorização da cultura Wajãpi. Antigamente os Wajãpi estavam muito preocupados em aprender coisas dos não índios e essa linha de atuação trabalha com o intuito de revitalizar a cultura Wajãpi. Para a revitalização da cultura, os velhos começaram a perceber que os jovens não estavam sabendo da cultura Wajãpi. Por isso os jovens começaram a fazer pesquisas junto aos mais velhos para que eles comecem a conhecer sobre a cultura Wajãpi.

Esse trabalho acaba ajudando também a dialogar com as políticas públicas:

O que mais afeta o modo de vida Wajãpi é a educação. Nós estamos lutando para melhorar a qualidade da educação diferenciada. A secretara de educação quer impor seus projetos que não apoiam a educação diferenciada. Nossa luta é tornar a educação diferenciada uma realidade. Os professores não ficam concentrados em apenas uma escola ou aldeia. Nós somos 48 aldeias espalhadas nos limites. Na época do contato a Funai incentivou os Wajãpi a se concentrarem apenas na aldeia Aramirã. Ai Começamos a pegar muitas doenças, a caça e o peixe começou a ficar pouco, as árvores começaram a ficar poucas e havia muitas invasões do território por garimpeiros. Depois, após muitas reuniões e conversas, começou um movimento de descentralização, do povo para melhorar o cuidado com a terra, com a vigilância dos limites. As famílias passam temporadas nos limites e voltam a suas casas anteriores de forma periódica.

Com relação aos pesquisadores indígenas:

A formação envolve pesquisas individuais. Os pesquisadores não são manifestantes. São orientadores das comunidades. Eles não são fiscais, não mandam as pessoas fazerem as coisas. Mas são orientadores. A maioria dos pesquisadores trabalha nas associações e estão cada vez mais envolvidos na política interna do povo. Com isso se tornam muito conhecedores tanto das coisas internas quanto das coisas externas e políticas. Portanto, começam a se tornar agentes políticos. Fizeram um livro sobre organização social e outro sobre a arte gráfica do povo. Os professores também se envolvem com as pesquisas.

Depois começou a fala sobre o plano de gestão socioambiental.

A partir de preocupações com a terra Wajãpi, seus recursos e cultura resolvemos fazer um plano de gestão para que possamos ter a floresta com boa qualidade. Os Wajãpi não destroem as matas. O plano de gestão é importante para conseguirmos cuidar das florestas. A gente percebe que quem destroem os recursos são os homens. Mas nós dependemos desses recursos. Mas para cuidar deles devemos fazer planejamentos, pensar muito para usar bem os recursos naturais para que eles não acabem. A terra é a base de tudo. A gente pratica nossa cultura junto com o meio ambiente. Dentro do plano de gestão, há um acordo dos Wajãpi. Fazem estudos e diagnósticos dos problemas e depois fazem acordos para tentar solucionar os problemas que estão enfrentando. Hoje nós também dependemos de parceiros e recursos. O plano é feito com apoio do PDPI. O plano não é uma coisa nova, é apenas a

sistematização do nosso jeito de ocupar e usar os recursos naturais. Antes são feitos diagnósticos de cada aldeia para conhecer as realidades das famílias. Como está a caça, a pesca, a roça, a construção das casas. Nós definimos, por exemplo, áreas de conservação onde não podemos fazer aldeias e caçar e abrir roças. Tradicionalmente não criamos bichos em cativeiro. Quem cria os animais é a natureza. Portanto, essas áreas devem ser usadas só pela natureza. Perto das aldeias só tem capoeiras. Estão diminuindo os lugares bons para fazer as roças, eles estão mais longe. Nossa população está aumentando muito também. Nosso povo é como uma roça, nós temos que nos planejar bem para haja uma boa colheita. O plano inclui também o monitoramento de indicadores para avaliar se o plano está conseguindo cumprir os acordos. Alguns projetos como o Fundo Amazônia vão começar a apoiar os pesquisadores para que se tornem agentes socioambientais. Os pesquisadores são voluntários. Ainda não sabem se os agentes socioambientais irão receber alguma bolsa.

Depois começou a conversa sobre o protocolo de consulta e consentimento Wajãpi.

O protocolo foi feito porque estão preocupados que o governo tome decisões sem a consulta e o consentimento do povo Wajãpi. O governo tem que consultar os Wajãpi, fazer diálogos com os Wajãpi. Pois há muitos perigos se o governo tomar decisões sozinho. A convenção 169 garante o direito dos povos de serem consultados. Nós estudamos essa lei para que a gente saiba que os povos indígenas têm que ser consultados. As políticas devem respeitar nossos conhecimentos. O governo não pode chegar com o documento pronto. No protocolo nós temos várias etapas. Temos o plano de consulta. O Brasil ratificou a convenção 169 e por isso tem que respeitar. A APINA faz parte da RCA (Rede de Cooperação Amazônica), a qual integra 6 organizações indígenas e parceiros. A RCA está ajudando o povo Wajãpi a construir seu protocolo.

Em seguida os Wajãpi falaram sobre o projeto de vigilância.

Nós criamos o fundo de vigilância. Foram feitas muitas reuniões. Depois da demarcação os Wajãpi não sabiam como iriam fazer a vigilância da Terra. Fizemos então um fundo para apoiar as ações de vigilância. Nós temos muitos assalariados que ajudam o povo a levantar recursos para fazer a limpeza das picadas duas ou uma vez por ano. A primeira aldeia que pensou a fazer esse fundo foi a que fica no norte da TI. Nessa aldeia os assalariados contribuem com dinheiro para o fundo. A gente reivindicou muito para a Funai fazer o

trabalho, mas a Funai não tinha recursos suficientes. Depois disso, outras aldeias começaram a fazer o projeto. Hoje são 5 aldeias que contribuem para o fundo. Esse fundo é importante, pois não precisamos depender de ninguém. A terra é nossa e nós mesmos que temos que cuidar dela.

Com relação à Saúde:

Nós temos muitos casos de gripe, malária e picada de cobra. Nos limites tem muitas picadas de cobra e os AIS têm que comunicar as equipes. São 16 AIS. Os técnicos de enfermagem não acompanham as famílias nos limites. A SESAI faz a remoção aérea das pessoas nos limites. Hoje a SESAI não quer que os técnicos vão até os limites. Por isso estamos incrementando a formação dos AIS para que eles possam fazer outros procedimentos como o exame de malária, por exemplo. Construímos um regimento e a formação de um conselho local de saúde Wajãpi. A formação foi feita com apoio de recursos de organizações de fora. Estamos lutando para recebermos uma formação para técnicos de enfermagem Wajãpi para que o agente indígena se torne técnico de saúde indígena. Essa formação é uma articulação entre SESAI e IEPE. Estamos lutando para que a FIOCRUZ seja a instituição certificadora.

A partir daí passou-se à apresentação do povo Parakanã. A liderança Sapinho começou explicando a situação fundiária da TI Apyterewa. A TI foi demarcada e homologada no começo do governo do presidente Lula. Mas, a luta hoje é retirar os ocupantes não índios da TI Apyterewa. Segundo ele, eles vão levar muitos conhecimentos que estão aprendendo junto aos Wajãpi para tentar aplicar na região deles.

Nós já esperamos muito. Quando chegar na nossa aldeia...a regularização da nossa terra é condicionante de Belo Monte, mas até hoje não resolveram nosso problema. Em setembro nós fomos em Brasília e conversamos com o Ministro que se disponibilizou a dar apoio para a gente, mas até hoje nada.

Valtinho Parakanã falou um pouco da situação da saúde.

Nos lá temos postos de saúde pequenos. Nós temos um conselho local que discute na saúde e leva para discutir na cidade. Cada aldeia tem um técnico de enfermagem e um AIS. Mas a gente não está pensando como vocês. Vocês estão pensando em formar os técnicos de saúde indígena, mas a gente não pensou nisso ainda. É um bom exemplo. Na época que a saúde estava na mão da Funai, a situação era ainda pior. Morria muita gente por causa da demora no atendimento. Depois melhorou um pouco a saúde. O avião vem rápido para fazer a remoção.

Os Wajãpi falaram que na CASAI a situação também não está boa.

Os índios quando ficam muito tempo lá acabam pegando outras doenças. A APIWATA (Associação dos povos indígenas Waiapí do triângulo do Amapari) tem recurso de compensação de mineração para ajudar na saúde indígena. Portanto, os indígenas acabam ficando na APIWATA. Esta trabalha também com a saúde.

Mui e Valtinho falaram da questão da educação no médio Xingu.

Lá no médio Xingu está acontecendo o EJA. São nove etnias no médio Xingu. Os professores da TI Parakanã são todos Parakanã. Embora a qualidade ainda não seja a melhor, nós estamos contentes porque ao menos os professores são todos indígenas.

Sapinho colocou o grande problema da falta de organização que os povos de lá estão passando.

Eles estão tendo muita dificuldade de juntar o povo e se organizar para resolverem os problemas que estão passando. Os professores indígenas são contratados pelo município. Mas no ensino médio quem está ministrando as aulas não são indígenas. Mas eles não têm a capacitação nem a estrutura bons para fazer um bom trabalho.

Os Wajãpi comentaram ainda que estudam sobre a comida industrializada que faz mal para a saúde. Portanto, eles têm o plano de fazer com que a merenda oferecida na escola seja feita com a culinária local. Os professores indígenas também trabalham da 1ª à 5ª série e temos quatro professores indígenas do SOMEI (Sistema de Educação Modular Indígena), mas temos professores não indígenas também.

No fim da reunião, eles perguntaram se eles podem também conhecer a realidade dos Parakanã e dos Asurini. O sapinho fez o convite para que os parentes Wajãpi visitem a TI Parakanã. Eles vão fazer um planejamento das festas e irão mandar um convite para os Wajãpi. A liderança Kasiripiná disse que quer ir lá conhecer os problemas da terra dos Parakanã e querem ajudar os parentes.

Dia 24/03/2015

No dia 24/03 o grupo retornou à aldeia Aramirã e de lá partiu para a cidade de Macapá.

3. Conclusões

Avalia-se que a experiência foi extremamente rica e proveitosa por haver propiciado um contato próximo dos povos Parakanã, Xikrin e Asurini com o povo Wajãpi. Durante a viagem o grupo pôde observar e debater diversas experiências exitosas relacionadas à gestão territorial da TI Wajãpi bem como conhecer e compartilhar um pouco da sua cultura.

Como exposto na sessão anterior foi possível conhecer um pouco do processo de construção do Plano de Gestão Ambiental e Territorial da TI Wajãpi que havia sido muito recentemente validado pelo povo em assembleia geral. Trata-se de uma experiência importante para o contexto local, uma vez que os Xikrin estão iniciando o processo de construção de seu próprio plano, e é essencial que tenham contato com outras experiências para que possam refletir e construir seu próprio caminho de maneira mais crítica e qualificada. Do ponto de vista dos Parakanã e Assurini, os planos de gestão ainda não são uma realidade imediata, no entanto, é também fundamental que comecem a ter contato com esse instrumento da PNGATI que poderá auxiliá-los a se organizarem e se planejarem num contexto de rápidas transformações sociais, culturais e ambientais pelas quais estão passando. A experiência vivida com os Wajãpi pôde trazer esse contato.

Interessante salientar também que dois dos alunos da Formação Inicial em Gestão Territorial desenvolvida pelo PGTI estavam presentes no intercâmbio e puderam ver na prática diversos instrumentos e iniciativas que vêm sendo conhecidas e trabalhadas durante os encontros presenciais e dispersões da formação, incluindo o programa de formação de pesquisadores indígenas Wajãpi. Sua formação envolve a pesquisa de temas de interesse individual ou coletivos em geral relacionados a práticas culturais, manejo e uso de recursos florestais, pinturas corporais, organização social, entre muitos outros. Estas pesquisas não são apenas uma forma de registro de informações, mas sim uma forma de exercício das práticas culturais. Com isso os pesquisadores se tornam figuras importantes dentro e fora das comunidades à medida que contribuem para a vitalização cultural e dialogam com as políticas públicas relacionadas. Portanto, conhecer um pouco dessa realidade pode ajudar os participantes da formação a compreenderem melhor o papel que podem desempenhar dentro de suas próprias comunidades.

Outra discussão extremamente rica foi em torno de como os Wajãpi vêm lidando com uma série de políticas públicas que segundo eles os levaram à “sedentarização” no passado, com as frentes de contato do Estado, e que atualmente continuam levando ao mesmo processo. Assim vem acontecendo com as políticas de saúde e educação

que favorecem a concentração de pessoas em poucos núcleos populacionais à medida que o acesso às políticas é difícil e limitado e à medida que não se viabilizam mecanismos alternativos que possam respeitar as diferentes formas de se relacionarem e se distribuírem pelo território.

Chamou a atenção também sua capacidade de organização, o exercício do protagonismo e a autonomia diante dos desafios e dificuldades. Estas características ficaram bastante evidentes e despertou muito o interesse dos visitantes nas iniciativas relacionadas a conquistas na área da saúde com a construção de postos de saúde sem dependência do Estado e a formação de técnicos de saúde indígenas e o projeto do fundo de vigilância.

Por fim, a experiência foi avaliada de maneira bastante positiva tanto pelos Wajãpi quanto pelos visitantes. Os convites para retorno e para que os Wajãpi possam conhecer a região de Altamira são evidências disso. O fortalecimento dessa relação poderá contribuir bastante para a prática de referências positivas de gestão territorial.

Anexo 1. Resposta de Roseno Wajãpi à proposta de intercâmbio

06/05/2015

E-mail de Verthic - Intercâmbio Wajãpi



Igor Ferreira <igor@verthic.com.br>

Intercâmbio Wajãpi

Roseno Waiapi <rosenowaiapi@gmail.com>
Para: igor@verthic.com.br

7 de maio de 2014 19:44

Prezados

Eu sou Roseno Wajãpi, sou representante Wajãpi, então em nome do Conselho das Aldeias Wajãpi Apina eu escrevo essa mensagem. Recebemos a informação sobre intercambio dos nossos parentes Asurini e Parakanã, que vai ser intercambio com os Wajãpi. Esse intercambio vai ser importante, para os parentes conhecer como fazemos o plano de gestão da nossa Terra. Então a nossa proposta de acontecer esse intercambio é mês de fevereiro de 2015. O que acham? Porque nesse momento vai ter um Seminário para apresentar e fechar o Plano de Gestão sócio ambiental Wajãpi e Plano de gestão na Terra Indígenas do Oiapoque, com apoio do projeto PDPI/ MMA. Porque essas Terras, são áreas de referencia do GATI. Nessa apresentação os Asurini e Parakanã poderiam participar, isso vai acontecer na cidade Macapá. Achamos isso melhor, porque já estaremos mais preparados para apresentar bem o nosso Plano de gestão. Depois desse seminário poderão visitar algumas aldeias, visitar picadas de limites na Terra Indígena Wajãpi e participar nas festas dos Wajãpi. E vamos conversando pelo e-mail. Qualquer duvida estamos disposição, aguardamos o seu retorno e agradecemos.

Att.

Roseno Wajãpi
Representante Wajãpi

Em 7 de maio de 2014 19:01, Lúcia Szmrecsányi <lucia@institutoiepe.org.br> escreveu:

Date: Sat, 3 May 2014 09:20:38 -0300
Subject: RE: Intercâmbio Wajãpi
[Texto das mensagens anteriores oculto]